

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
24 de Setembro de 2022

THE HUNT FOR RED OCTOBER / 1990
(Caça ao Outubro Vermelho)

Um filme de John McTiernan

Realização: John McTiernan / Argumento: Larry Ferguson e Donald E. Stewart, baseado num romance de Tom Clancy / Direcção de Fotografia: Jan DeBont / Direcção Artística: Terence Marsh, William Cruse, Dianne Wager e Donald B. Woodruff / Guarda-Roupa: James Tyson / Música: Basil Poledouris / Som: George Watters / Montagem: Dennis Virkler e George Wright / Interpretação: Sean Connery (Marko Ramius), Alec Baldwin (Jack Ryan), Scott Glenn (Bart Mancuso), Sam Neill (capitão Borodin), James Earl Jones (almirante Greer), Joss Ackland (Andrei Lysenko), Richard Jordan (Jeffrey Pelt), Peter Firth (Ivan Putin), Tim Curry (Petrov), Stellan Skarsgaard (capitão Tupolev), Jeffrey Jones (Skip Tyler), etc.

Produção: Paramount / Produtor: Mace Neufeld / Cópia digital (DCP), colorida, falada em inglês e russo com legendagem electrónica em português / Duração: 135 minutos / Estreia em Portugal: 31 de Agosto de 1990.

The Hunt for Red October é exibido em “double bill” com Eastern Promises, cuja folha é distribuída em separado.

Quarta longa-metragem de John McTiernan, **The Hunt for Red October** culminou o seu período de maiores sucesso e felicidade na indústria americana e, vindo na sequência de **Predator** e **Die Hard**, filmes com estima crítica e óptima recompensa na bilheteira, firmou o nome do realizador (nascido em 1951) entre os principais cultores de um cinema de acção e fundado no espectáculo da acção. Em breve as coisas lhe começariam a correr mal, sobretudo depois do grande fiasco comercial de **The Last Action Hero** (com Schwarzenegger, em 1993), no entanto um dos mais ousados filmes de grande produção americana das últimas décadas, e porventura o único exemplar de “blockbuster” (ou tentativa de) pós-moderno. Este insucesso retardou o percurso de McTiernan – obrigou-o a retomar um valor seguro, a “franchise” de **Die Hard**, para uma óptima sequência em 1995, **Die Hard with a Vengeance** – depois novamente “acelerado” no final da década com o excelente (e talvez a obra prima do autor) **The Thomas Crown Affair**. Mas logo a seguir, outros insucessos (não apenas comerciais mas também críticos), **Rollerball** e **The 13th Warrior**, significaram nova machadada. Infelizmente, a obra de McTiernan parece ter-se encerrado há quase vinte anos (!), com o óptimo **Basic**, regresso miniatural aos ambientes de **Predator**. Depois só silêncio, e uma série de rocambolescas peripécias na vida pessoal (uma passagem pela prisão, por uma estranhíssima história de paranóia e espionagem que se calhar “dava um filme”) terão fortemente limitado as possibilidades de McTiernan voltar à actividade, apesar de periódicos rumores sobre novos projectos. Para todos os efeitos, a obra de McTiernan são 11 filmes feitos entre 1986 e 2003, um lapso temporal de apenas 17 anos (!!).

Mas aqui estava em grande, nesta recuperação do filme de guerra e espionagem claustrofóbicos num dos seus cenários de eleição, o interior de um submarino (ou de vários submarinos, para sermos exactos). Adaptado de um romance de Tom Clancy, com protagonista suposto no agente Jack Ryan (aqui Alec Baldwin, depois Harrison Ford em filmes futuros com a mesma personagem), acertava em cheio no final da Guerra Fria no seu sentido “clássico”. Quando o filme – que conta a história da deserção para os EUA de um comandante soviético de submarinos – estreou no princípio do Verão de 1990 a URSS estava já em processo acelerado de dissolução, e a Guerra Fria que mantivera o mundo, durante décadas, numa tensão leste/oeste, dava-se, tão oficialmente quanto possível, por terminada. Consta que os produtores não se incomodaram muito com o “timing” do filme, nem sentiram que ele o prejudicasse. E percebe-se bem. De um ponto de vista político (e numa perspectiva obviamente americana), **Hunt for Red October** é um filme de acolhimento, uma espécie de triunfo sereno, tão sereno que não expõe a vitória sobre o inimigo, mas a conversão do inimigo e nesse sentido, inscreve-se na linha dos menos belicosos filmes americanos sobre a Guerra Fria, aqueles que se fundam menos na necessidade de combater o inimigo soviético do que no desejo de o seduzir (uma linhagem que tem porventura no **Jet Pilot** de Sternberg, no final dos anos 50, o seu ponto inicial, e que passa também, já nos anos 80, por aquela amistosa saudação a Gorbachov contida no final do **Rocky IV** de Sylvester Stallone). Neste sentido, **Hunt for Red October** não era traído pelo “timing” da sua estreia, era, pelo contrário, confirmado.

E é ainda, se não o mais imaginativo nem o mais irreverente filme de McTiernan, um dos filmes que melhor exibem as suas qualidades no domínio da acção e dos elementos – o espaço e o tempo – em que ele se joga. A tensão é admiravelmente construída nos espaços fechados dos navios, a suspensão e a expectativa de acções potencialmente devastadoras (que vão sendo adiadas, mas cuja possibilidade, ou probabilidade, é crucial para o “suspense” do filme) vão sendo dadas com toda a maestria, e as comunicações imperfeitas e à distância, entre antagonistas que não têm contacto directo para além da rádio e do radar (tornando a acção num permanente jogo de charadas e adivinhas) são essenciais, num princípio que nunca. De certo modo, é tão “conceptual” e fiel ao “conceito” que se torna quase “abstracto” (podia-se contar a mesma história noutra contexto completamente diferente, naves interestelares no espaço sideral, por exemplo).

Em paralelo ou complemento, o elemento humano não se reduz a marionetas. Há personagens, há “estudo de personagens” – sobretudo a de Sean Connery, num dos grandes papeis da fase tardia da sua carreira, o almirante Ramius que tem a aura e a sagesse, quase irrealis mas absolutamente credíveis, de uma figura saída do cinema clássico americano. É essa personagem, que Connery torna completamente esmagadora, que reduz a figura de Jack Ryan a um “suposto protagonista” (como a descrevemos acima) – é de Connery e de Ramius, não dele, que nos lembramos até muito tempo depois de termos visto o filme.

E como a História nunca para de pregar partidas, o único soviético verdadeiramente “mau” de **Hunt for Red October**, o único real inimigo de Ramius, tem o curioso e obviamente involuntário nome de... Putin.

Luís Miguel Oliveira